

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

da

Academia Paulista de Letras



POEMAS
ALÉM DO TEMPO

POEMAS ALÉM DO TEMPO



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS
da
Academia Paulista de Letras

POEMAS
ALÉM DO TEMPO



Pax & Spes

Copyright © Ives Gandra da Silva Martins, 2018

2018
claudioliber@gmail.com

Sumário

Breve apresentação 9

POEMAS ALÉM DO TEMPO

Sonetos além do tempo 11

Quadras no tempo de todo tempo ... 53

Quadras fora do tempo 115

Breve apresentação

*A*os 83 anos, continuo a versejar. Os sonetos e quadras deste opúsculo foram escritos em 2018.

Dedico-os, como sempre, à Ruth, minha companheira de 65 anos de namoro e 60 de casados.

São poemas, em que a juventude perene de nosso amor segue reflexões, que, nesta quadra da vida, poeticamente faço sobre a velhice.

Em edição particular exclusivamente para familiares e amigos, veiculo-os pelo selo de meu amigo de muitas décadas, Cláudio Giordano.

Espero que me perdoem, uma vez mais, por estas confidências octogenárias.

SP, dezembro/2018.

Ives Gandra da Silva Martins

SONETOS
ALÉM DO TEMPO

I

O tempo mostra à vida o seu tamanho
E a dimensão exata do que somos,
O livro que escrevemos, mesmo estranho,
Poderá ter — quem sabe? — muitos tomos.

Quando jovens a morte não é tema,
Quando velhos sentimos a presença.
Fizemos, pelos anos, nosso esquema
Com certezas e, às vezes, com descrença.

Embora tudo gere mais cansaço,
De tudo temos mais conhecimento
E sabemos qual é o nosso espaço,
Que não tem, nesta idade, mais aumento.

É feliz quem a si não dá valor
E oferta para os seus somente amor.

SP, 16/01/2018.

II

A inspiração no tempo é diferente.
Na juventude a vida é só romance,
Na mocidade sonha toda gente
Que uma grande aventura cria o lance.

Na madureza, corre uma esperança
Que a velhice se encontr'inda distante,
Porém se bem mais forte, o esforço cansa
E os desejos já não são mais de infante.

Por fim, aos poucos, a senilidade
A tudo dificulta, todo o dia.
Memória do passado dá saudade
E a perda dos amigos faz a via.

Mas quem em Deus desvenda seu carinho,
Descobre como é belo este caminho.

SP, 22/01/2018.

III

Para Ruth no aniversário da Ângela

Há tanto tempo que eu te quero tanto,
Há tanto tempo tu me queres bem,
Por tanto amor o quanto de meu canto
Fica meu canto sempre muito aquém.

São décadas e décadas de amor,
Que sem sentir o tempo vem e passa,
Nesta paixão há sempre muita cor
Num sonho que se bebe em linda taça.

És ponte da família para Deus,
Que atravessamos sempre bem felizes,
Tu pedes ao Senhor por todos seus
E nós todos seguimos o que dizes.

Há tanto tempo que eu te quero tanto
Que meu amor não cabe neste canto.

SP, 09/02/2018.

IV

Para a tatuagem de minha neta Fernanda.

Uma espada cravada em coração,
Que responde com flores, como o sândalo,
Perfumando, se um golpe leva-o ao chão,
O que parece ser mais do que escândalo.

Assim Cristo pediu pelos algozes,
Como o sândalo augusto perfumando
As machadadas frias e sem vozes,
Ao modo dos cristãos de quando em quando.

A tatuage'está na minha neta,
Não é nem muito grande, nem pequena,
As minhas eu as tenho, pobre asceta,
As rugas da velhice, em tez serena.

Fernanda, eu amo a filha de uma filha,
Que torna sempre alegre esta família.

Jaguariúna, 11/02/2018.

V

Para Ruth

Buscando teu amor, todos os dias,
Todos os dias, vivo de teu lado,
São mesmo quando tensos, de alegrias,
Num tempo que se passa não notado.

Os ossos degeneram pela idade,
O andar mais arrastado faz-se lento,
Se tenho do pretérito saudade,
A velhice jamais eu a lamento.

O meu amor, porém, é sempre moço,
É sempre grande e sempre sem tropeço,
Pois tiro do mais fundo de meu poço
O sonho que por ti nunca tem preço.

Querer-te traz à vida segurança,
Que só por tua causa é que se alcança.

SP, 10/03/2018.

VI

SONETO DA SENILIDADE

Quando digo que estou já bem senil,
 Critacam-me dizendo de meu erro,
 Pois falo, pois escrevo em tom viril,
Nas palavras o mal pondo em desterro.

 O certo, todavia, é que a cabeça
 Não envelhece, mas o corpo sim,
Embora ser senil não me aborreça,
 As flores já são raras no jardim.

 O coração, porém, sempre combate
 O que de podre existe no país
E, se não há do bem qualquer resgate,
 Nem por isto abandono a diretriz.

Como árvores que morrem sempre em pé,
 Irei até o fim com minha fé.

SP, 17/03/2018.

VII

Para Ruth

A pele mostra as rugas pelo tempo,
Tornando o qu'era belo em feia estampa,
A vida nunca foi um passatempo,
Pois para o fim se desce pela rampa.

A velhice desfaz qualquer imagem,
E muitas vezes fere o próprio amor,
O passado transforma-se em miragem
E o presente se perde sem calor.

O coração, porém, quando se ancora
Num querer permanente é sempre moço
Sem crepúsculo ou noite, mas aurora,
Descortinada num formoso esboço.

Assim sou eu, eterno apaixonado,
Feliz por tê-la, Ruth, de meu lado.

SP, 14/04/2018.

VIII

Mais um retiro com Deus.
Todos os anos os faço.
Nele peço pelos meus,
Pois na agenda há sempre espaço.

Renovo as forças que tenho,
Mesmo poucas, vejo luz,
Relembro o pesado lenho
Que Cristo teve por cruz.

Meus valores permanentes,
Ruth, filhos e a família,
Meus amigos, são meus entes,
Que tornam leve esta trilha.

Este caminho, Senhor,
Por ti, foi feito de amor.

Aroeira, 21/04/2018.

IX

Para Ruth

A velhice bem vale um coração,
Se o coração bem jovem permanece,
As rugas com a morte morrerão
E o amor nele gerado faz-se prece.

O querer não tem forma de pregão,
Que a qualquer um se entrega na quermesse,
Sem ter pureza o esforço faz-se vão,
Pois a quem ama apenas se oferece.

A velhice é detalhe sem relevo,
Que não torna jamais a mocidade
Menos presente, mesmo se longevo

O caminhar dos anos pela idade,
Por isto este soneto a ti escrevo,
Para mim sendo eterna divindade.

SP, 28/05/2018.

X

SEM DESTINO

Empinei meus papagaios
Para ver as caravelas,
Que desenho em meus ensaios,
Pelas ruas paralelas.

Eu descubro assim os astros
Ao noturno contemplar,
Vi estrelas sobre os mastros
No meu barco pelo mar.

Penetrei pelas florestas
Sem alforje, sem espada,
Dos nativos vi as festas
E parei na encruzilhada

De meus versos sem destino,
Que escrevo desde menino.

SP, 02/06/2018.

XI

Para Ruth

Cantador cantei a lua
Desde os tempos de eu menino,
Fosse doce, fosse crua
Minha vida sem destino,

Cantador da velha rua
Em que vi o teu fascino,
Que o tempo não atenua,
Mas o torna mais divino,

Cantador da face tua,
De teu olhar cristalino
Que no meu vive e flutua,

Cantador, sou paladino
De um amor que continua
Sempre eterno e repentino.

SP, 16/06/2018.

XII

Para Ruth

Anoitece no inverno bem mais cedo,
Após o entardecer frio e chuvoso,
O vento já fustiga este arvoredo
Em frente do escritório, em tom raivoso.

A vontade de estar dentro de casa
É mais forte do que qualquer programa,
Minha imaginação ganha mais asa
E foge de viver o próprio drama.

O tempo da colheita faz-se agora
Das sementes lançadas no passado,
Nas sombras muita imagem se descora
Mas outras tornam tudo iluminado.

Assim meu coração em ti, querida,
Sente a luz que tu pões em minha vida.

SP, 24/06/2018.

XIII

*Para Ruth em seu aniversário
(Ao som dos momentos musicais
de Schubert – intérprete Jeno Jandó)*

Eu toquei os momentos musicais
Números um e dois dos seis compostos
De Schubert em pequenos recitais
Antes de ser levado por impostos.

Dediquei-me ao direito tributário,
E a música deixei sem desencanto.
Mas ouço-a quando estou mais solitário
Pois cobre o coração com doce manto.

Sonoridade eu busco nos meus versos,
Saudades dos bons tempos de solista,
Eram meus sentimentos sempre imersos,
Nos grandes mestres de uma imensa lista.

Eu hoje nada toco e mal versejo,
Porém és para mim um belo arpejo.

SP, 01/07/2018.

XIV

Férias. Férias e mais férias.
Quinze dias pela frente,
Sem trabalhos, sem matérias.
Tudo agora é diferente.

Sem tarefa é a vez primeira
Que nas férias não terei
De cansar-me na carreira.
Até pareço ser rei.

Minha amada tem-me ao lado
Filha e netos são também
Que Deus me faça achegado
A seu querer para o bem.

Dê-nos, pois, a proteção
No seu grande coração.

Jaguariúna, 02/07/2018.

XV

Quando a Nação descobre que seu mal
Está nos que se dizem competentes
E quando corromper é bem normal
E os guardiões morais tornam-se ausentes;

Quando se aplaude a morte em nascituro,
Que assassinar seus filhos é moderno,
Pois não se vê ainda o seu futuro
Que dependente está do amor materno,

Quando se pensa pouco na família
E muito no gozar somente a vida.
Mesmo à custa daqueles que na trilha
São pisados de forma desmedida.

Não se pode falar em liberdade,
Pois o mundo carece da verdade.

XVI

POBRE BRASIL

O meu país não deslancha,
Os políticos são fracos
Tiram do povo a esperança,
Pondo a nação em buracos.

Enquistados em Brasília
Vivem corporativismo,
São uma furada quilha
De um barco em rota do abismo.

Seus privilégios são tantos,
Enquanto a nação naufraga
Do poder tem os encantos
Que a corrupção afaga.

Pobre gente brasileira!
Que despenca na ladeira.

Jaguariúna 03/07/2018.

XVII
EXPERIÊNCIAS

Muitos pensam que os velhos são passado
E precisam apenas de um apoio
Para esperar a morte, que é do lado,
Inúteis para os outros como o joio.

Mal percebem que muitos destes velhos
Fazem bem mais que os jovens mais robustos
Pois têm nas experiências seus espelhos
E levam seu trabalho sem ter sustos.

O corpo velho, mas de jovem mente
É bem mais jovem dos que jovens são
Pois seu rápido agir é diferente
Naquilo que os mais jovens não farão.

A pátina do tempo tem valor
E nela o conhecer põe sua cor.

Jaguariúna, 08/07/2018.

XVIII

NOVE DE JULHO

Hoje São Paulo festeja
A luta pelo Direito,
Foi uma dura peleja
Pra ter da lei seu respeito.

Nove de julho, paulistas
Foram mortos pela história,
Eram almas altruístas
De quem se guarda memória.

Derrotados, mas venceram
Gerando a Suprema Lei
E seus nomes apuseram
Com a nobreza de um rei.

Um sonho bem vale a vida,
Se tem na pátria a medida.

Jaguariúna, 9 de julho de 2018.

XIX

Que saudades do tempo de eu menino
Cujos sonhos mantenho mesmo agora,
Eu sempre achei que fosse meu destino
Por eles batalhar no mundo afora.

Malgrado os resultados serem pobres,
Não deles desistir valeu a pena
Se os fins que se propõe são eles nobres
A vida bem vivida é vida plena.

Os fracassos e os erros são normais
Com vitórias a lida se entrelaça,
Assim erguem-se lindas catedrais
Com pedras, com tijolos e argamassa.

Embora no que faço, pouco valho,
Procuro tudo dar no meu trabalho.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XX

Na vida cometemos muitos erros,
Embora com acertos, outras vezes,
Escondemos aqueles nos aterros
Que, em nosso peito, abrimos todos meses.

A luta que travamos, permanente.
Nem por isto desfaz o qu' é mal feito,
Mas sempre deve ser luta presente
Na busca de vencer todo defeito.

As vitórias se mesclam com fracassos,
Enquanto esgota o tempo da existência,
Assim bem dirigimos nossos passos
Até o dia em que formos ausência.

Eu sei que Deus está a nossa escuta,
Malgrado os erros, vendo nossa luta.

SP, 21/07/2018.

XXI
60 ANOS

Passa o tempo e não sei o que dizer
De tanto amor que tenho por você,
Só me resta, na vida, agradecer
O bem que já foi feito e que se vê.

A Deus, que é meu Senhor, eu tudo devo
E devo o dom maior do casamento,
Que segue, neste mundo, bem longo,
Para mim num eterno encantamento.

Amar, como eu a amo, amor tão grande
Que no peito não posso aprisionar
E que, em nossa família, mais se expande,
Tais quais as ondas brancas pelo mar,

Faz-me tão grato em tudo, amada minha,
Que de meu lado sempre assim caminha.

SP, 31/07/2018

XXII
UNIVERSO

Eu me pergunto sempre se o universo
Teria ou não teria algum limite
E se limite houvesse bem diverso
Do mundo tal seria. Há quem cogite?

Difícil é descobrir algo sem fim,
Pois há em todo o fim algo depois,
Fronteiras, quando existem, são assim
Porque dividem sempre tudo em dois.

S'ele infinito for, como explicar
No "big bang" a tórrida expansão,
Não me parece fácil de encontrar
Toda a verdade atrás desta amplidão.

De Deus eu só conheço o doce império,
Sem penetrar jamais neste mistério.

SP, 11/08/2018.

XXIII

É tempo de ser sábio e de ser fraco.
A experiência se faz sempre mais forte,
O físico, porém, torna-se opaco
E vive-se só mais conforme a sorte.

O passado a quem sabe pouco importa
Se foi bom, se foi mal já não retorna,
Do fim é cada vez mais perto a porta
E espera-se o martelo na bigorna.

O futuro descobre-se presente,
E vive-se no dia, cada dia,
Os sonhos se desfazem pela mente,
Mas quem sonha renasce na alegria,

É que bem vê que estamos de passagem
Não tendo do morrer qualquer blindagem.

SP, 09/09/2018.

XXIV

NO HOSPITAL SÃO JOSÉ

Há tempo para tudo nesta vida.
Desde o tempo que a vida veio à Terra,
Há tempo de chegada e de partida
E tempo qu' é de paz e qu' é de guerra.

Há tempo para amar e p'ra esquecer
E tempo de trabalho e de descanso,
Há tempo de viver e de morrer
E tempo de tormenta e de remanso.

Há tempo de vitória e de derrota
E tempo de prazer e de tristeza,
Há tempo que no tempo não se esgota
E tempo de perder-se em correnteza,

Mas há tempo qu' é tempo de alegria,
É o tempo que é de Cristo e de Maria.

SP, 12/09/2018.

XXV

Quando um povo não vê o populismo
E acredita em promessas de assaltantes;
Quando governos levam para o abismo
Os sonhos que se fazem mais distantes;

Quando presos comandam dirigentes
Do crime organizado e da política,
Na condução não sendo diferentes
Sem terem da nação nenhuma crítica;

Quando o ganho ilegal é sempre ganho
Dos eleitores tendo um grande apoio
E o querer ao Brasil parece estranho,
Pois se troca o bom trigo pelo joio;

Vai se perdendo aos poucos a esperança
E o mal dos que são maus, no tempo, avança.

SP, 30/09/2018.

XXVI

O tempo dos mais jovens é mais lento,
Mas com a idade vai acelerando
E curto bem parece o comprimento,
Se mede a rapidez de quando em quando.

Para o moço o final não se cogita,
Para o velho o final está bem perto,
Que vê como descanso ou por desdita
Ao lembrar seu passado descoberto.

O jovem pensa a vida ser eterna,
A vida para o velho é sem espaço,
A mocidade longe, o corpo inverte
E fica mais cruel a cada passo.

Somente em Deus encontra seu carinho
E a certeza que segue o bom caminho.

Jaguariúna, 12/10/2018.

XXVII

Por mais que o tempo passe a minha amada
E sempre bela é sempre o meu amor,
Meu corpo já se esconde atrás do nada
O coração, porém, tem seu calor.

A luta que vivemos, lado a lado,
Os sonhos que sonhamos, desde cedo,
Os anos que deixamos no passado
Num grande amor eterno e sem segredo.

Dificuldades muitas quem não teve?
Mas sempre acreditando em nosso Deus,
Pois Deus com sua pena, assim escreve
O destino daqueles que são seus.

Amada minha, amada tão querida,
Por ter-te junto a mim valeu a vida.

Jaguariúna, 12/10/2018.

XXVIII

Para Ruth

Este soneto eu faço no escritório
De meu apartamento, após o banho,
Meu tempo, quando é noite, é tempo inglório,
Pois o que está distante não arranho.

Por hábito versejo. Faz-me bem.
Ninguém há de entender porque versejo,
A qualidade fica sempre aquém,
Mas segue em minha lida seu cortejo.

Os temas, eu não tenho há longos anos,
Não sei mais o que seja inspiração,
A métrica passou por tantos danos,
Embora a cultivasse, mas em vão.

Meu único consolo és tu, querida,
Destino de meus versos, toda a vida.

SP, 20/10/2018.

XXIX
TONINHO

Os caminhos de Deus não poucas vezes
Parecem bem difíceis de entender,
Pois passam desde Cristo, anos e meses,
Com dores, nos instantes de morrer.

É Deus, porém, que tudo descortina
E sabe de seus filhos o momento,
Em que na vida eterna bem destina
O prêmio que desfaz o sofrimento.

Assim pelo que fez, nosso Toninho
Está nos braços santos do Senhor,
Pois, na terra, foi este o seu caminho,
Que regou com pureza e com amor.

Embora sua ausência é bem sentida,
Para Deus bem valeu a sua vida.

SP. 22/10/2018.

XXX

A luta, pela vida, dá sentido
Àqueles que o servir é sua cena,
Vitória, ingratidão ou ser vencido,
Pouco importa, servir bem vale a pena.

Os que vivem apenas para si
Em busca de dinheiro ou de poder,
Pisando sobre os outros, cá ou ali,
E aqueles que só pensam no prazer,

Escravidados são de seus apegos,
Pois desconhecem a plena liberdade.
Perante a morte, trêmulos e cegos,
Descobrirão a própria nulidade.

Não dar qualquer valor, na vida, à sorte,
E servir, livremente, faz o forte.

SP, 28/10/2018.

XXXI

A esquerda pensa ter sempre razão
E quem dela discorda é neo-facista,
Os meios justificam a assunção
Do poder na lição bem marxista.

Apenas tem um fim, os governantes,
Para si retirar dos ricos bens,
Os pobres ficam sempre como dantes
Não mais de seus discursos que reféns.

Os divergentes são excomungados,
O livre pensamento não existe,
Pois desde cedo tão manipulados
Os jovens todos são de forma triste.

O povo contra o mal não tem seguro,
Em países que vivem sem futuro.

03/11/2018.

XXXII

Para Ruth

O soneto das rimas amarelas,
Desenhadas em simples aquarelas,
Às vezes, tendo cores de capelas,
Outras vezes apenas de favelas,

O soneto das rimas paralelas,
Relembrando os olhares das donzelas,
Num passado de moças tagarelas
E serenatas feitas em ruelas.

O soneto das minhas caravelas,
Da busca da mais bela entre as mais belas,
De luta em temporais e nas procelas
E do bem descobrindo sentinelas,

O soneto do amor sem ter tutelas,
Em que p'ra ti meu peito abre em janelas.

XXXIII

Para Ruth

Os velhos também sonham sonhos novos
E os novos sonhos são sonhos de moços,
Assim sonham, no tempo, todos povos,
Formatando, na terra, seus colossos.

Os sonhos que sonhei quand'era jovem,
Na minha idade sonho sem receio,
No coração, estrelas inda chovem
E são de meu querer o seu esteio.

Os velhos quando sonham são mais puros
E são alegres, pois tiveram vida
E sentem-se em seu Deus bem mais seguros,
Sabendo que estão perto da partida.

Por ti, o amor me fez sempre sonhar,
Um amor tão imenso como o mar.

SP, 12 /11/2018.

XXXIV

Quando o tempo, no tempo, faz-se escasso
E quando da verdade a vida escapa,
Buscando na mentira o próprio espaço
E nela alcandorando a sua capa,

Quando o povo é só campo de manobra
Dos que fingem que são seus defensores,
Destilando veneno de uma cobra
Contra os bons que são vítimas de horrores,

Quando o sonho dos pobres se desfaz,
Atingindo por quem só quer poder
E percebem bem tarde que na paz
Não mais viverão até morrer

Resta apenas lutar, nesta porfia
Sem nunca desistir, dia após dia.

XXXV

O VERDADEIRO AMOR

Para Ruth

O símbolo do amor é no perdão,
Que desvenda o caminho da verdade,
Querer a quem se quer e dizer não
Aquilo a que seu bem, bem desagrada.

Ao verdadeiro amor é curta a vida,
Por mais que os anos passem a seu lado,
Se perto ou se distante da partida,
Igual o dedicar-se ao ser amado.

Contradições e lutas há de haver,
Mas n'alma apaixonada muita paz
Impõe-se como um límpido dever
Que a circunda na frente e por detrás,

Assim, seja na dor ou na alegria,
É sempre descoberta, dia a dia.

SP, 18/11/2018.

XXXVI

O tempo, pelo tempo, faz-se escasso
E em cada amanhecer vale bem mais,
A experiência descobre seu espaço
E como um barco ancora junto ao cais.

A luta pelo bem valeu a pena
Com muitos erros, mas também acertos,
Estando perto de deixar a cena,
Numa existência já sem ter apertos.

O certo fica claro cada dia,
Nada obstante incerto no passado
E gera no viver plena alegria
Por ter pelo Senhor sempre lutado.

Alguns tem na velhice só saudade,
Par'outros é porém a eternidade.

SP, 20/11/2018.

XXXVII

Quando eu me sinto em tudo bem cansado
E quando o meu esforço faz-se em vão,
Pois tenho só pressões de todo lado,
O bom senso levado em arrastão;

Quando o tempo dos planos faz-se curto
E cumpri-los se torna mais difícil,
Como se prometer já fosse um furto
E restasse ferido por um míssil;

Quando sou eu tentado pela idade,
No trabalho não mais permanecer,
Das horas de descanso com saudade,
Mas sempre obedecendo meu dever;

Tudo suporte, pois, o meu amor
Desfaz qualquer pressão ou qualquer dor.

SP, 04/12/2018.

XXXVIII

Os meus versos navegam caravelas,
Pelos mares bravios de meus sonhos,
Bonanças, ventanias sobre as velas
E mastros surgem d'água tão medonhos.

As ondas, se revoltas, ferem telas
Que, as vezes, têm seus ares bem tristonhos
E morrem nas areias paralelas
Que descubro no cume de meus sonhos.

Neste cenário traço minhas cores,
Descobrimo silêncio nas tormentas
E formando na mente meus atores

Que no correr dos anos tornam lentas,
Minhas passadas, não o meu amor.
Pela beleza que tu sempre ostentas.

XXXIX

O tempo tira em tudo o seu valor,
Se a busca, pela lida, é por vaidade,
Tal qual o sol desbota qualquer cor
O qu' é soberbo morre pela idade.

Por isto quem procura só sucesso
Alavancando em outros a carreira,
No compasso de Deus, quando eu o meço
Encontro para o bem uma barreira.

A vida dá somente relevância
Aquele que em servir põe sua fé,
O resto nunca tem muita importância,
E corre como as ondas da maré.

Pouco vale no mundo ter vaidade,
Vale sim, cultivar sempre a verdade.

XL

De meu barco timoneiro nesta vida
Eu navego pelos mares mais profundos,
Tenho o sonho como céu desde a partida
E o Universo a desvendar todos os mundos.

A certeza deste amor dá-me alegria
Numa estrada pelo bem pavimentada
Assim vou neste caminho todo o dia
Tendo o amor que desejei sempre do lado.

Se bandeirante, astronauta ou cavaleiro
Minha saga apaixonada levo em frente
De horizontes infinitos sinaleiro
Meu espaço junto a ti é diferente.

O passado por ser bom nos dá saudade,
Mas teremos nós em Deus a eternidade.

QUADRAS
NO TEMPO DE TODO TEMPO

I

No tempo das caravelas
Havia monstros no mar,
E naufrágios nas procelas,
Que não se sabe contar.

Jaguariúna, 10/07/2018.

II

No tempo dos cavaleiros,
As donzelas nas sacadas,
Protegidas por arqueiros,
Sonhavam sonhos de fadas.

Jaguariúna, 10/07/2018.

III

No tempo das caravelas,
Nos portos, ruas estreitas,
Tinham luzes amarelas
Sem brilhar e rarefeitas.

Jaguariúna, 10/07/2018.

V

No tempo dos cavaleiros,
As liças eram mortais,
Até mesmo os escudeiros
Tinham lutas corporais.

VI

No tempo dos cavaleiros
Existiam cavalgadas
E, nos cavalos, guerreiros
Brandiam suas espadas.

VII

O tempo dos cavaleiros,
Foi também o das Cruzadas,
Dos nobres eram herdeiros
Nas batalhas e caçadas.

VIII

No tempo dos cavaleiros,
Eram sangrentas as guerras,
Forjavam em fogareiros
As lanças em suas terras.

IX

No tempo dos cavaleiros,
Cantavam os cantadores
Os seus feitos derradeiros
Assim como seus amores.

X

No tempo dos cavaleiros,
Lá sonhei ter meu destino,
Tendo por meus companheiros
Os meus heróis de menino.

XI

Para Ruth

Como nos tempos de antanho,
De mãos dadas sempre estamos,
Nosso amor não tem tamanho,
Sendo os Santos nossos amos.

28/07/2018.

XII

Quando os tempos são da lua
O coração é mais belo,
Pois nele a imagem é tua,
Num colorido amarelo.

SP.,28/07/2018.

XIII

No tempo dos sonhos mil
A vida faz-se mais leve
Ninguém se torna senil
E nem o viver é breve.

XIV

No tempo dos astronautas
Os espaços siderais
Tornam as vidas incautas
Semelhante aos samurais.

XV

No tempo dos navegantes
Os mares eram bravios
E as terras muito distantes
Tinham invernos e estios.

XVI

No tempo da Idade Média
Havia muitos escravos,
Não havia enciclopédia,
Mas uns cavaleiros bravos.

XVII

No tempo da Grécia antiga
Os deuses eram normais,
Mas eterna a sua briga,
Sendo alguns bem imorais.

XVIII

No tempo do velho Egito,
Os deuses eram sangrentos
E a história tornou-se mito
Com descobertas e inventos.

XIX

No tempo da Babilônia,
Mulheres eram impuras
E os homens tinham insônia
Durante as noites escuras.

XX

No tempo do Império assírio,
As guerras eram ferozes
Sem flores, nem mesmo lírio,
Só gritos eram as vozes.

XXI

E no tempo dos romanos,
Vencidos eram os escravos
Mesmo sendo soberanos
Ou até guerreiros bravos.

XXII

No tempo do iluminismo
Todos pensavam ser gênios
Porém o seu raquitismo
Demonstrou serem ingênuos.

XXIII

No tempo dos fins dos tempos,
Pouco tempo há de buscar,
Haverá trovões e ventos
E maremotos no mar.

Jaguaríuna, 12/10/2018.

XXIV

No tempo dos impossíveis
Tudo é possível fazer,
Não há padrão, nem há níveis,
Só não se pode morrer.

Jaguariúna, 13/10/2018.

XXV

No tempo das grandes naves
Meus sonhos foram além
Lembraram elas as aves
Num eterno vai e vem.

SP, 21/10/2018.

XXVI

No tempo dos literatos,
Os versos correm no espaço,
Tais correntes ou regalos,
Marcando do mundo o passo.

SP, 21/10/2018.

XXVII

No tempo da fantasia
Imagens brotam constantes,
Os sonhos dão alegria,
Tristezas ficam distantes.

SP, 21/10/2018.

XXVIII

No tempo dos samurais
As lutas eram por glória
As mortes sempre brutais
Marcavam a sua história.

SP, 21/10/2018.

XXIX

No tempo da China antiga
Já chineses eram tantos
Que ninguém que os contradiga
Conhece bem seus recantos.

SP, 22/10/2018.

XXX

No tempo dos mil castelos,
Havia lindas princesas,
Por elas muitos duelos
E combates sem surpresas.

SP, 22/10/2018.

XXXI

No tempo dos beduínos
Viviam sempre de tendas,
Cantavam os próprios hinos
Repletos de suas lendas.

SP, 21/10/2018.

XXXII

Nos meus tempos de menino
Sonhava sonhos de herói
E vivia meu destino
Como só o jovem sói.

SP, 21/10/2018.

XXXIII

No tempo das diligências
Ser cowboy era ser forte,
Não havia complacência,
Duelos eram de morte.

SP, 21/10/2018.

XXXIV

E no tempo dos fantasmas
E dos monstros do cinema
Os terríveis cataplasmas
Desfiguravam o tema.

SP, 21/10/2018.

XXXV

No tempo dos bons guerreiros,
Mas cruéis de coração,
Aldeias em fogareiros
Ardiam por sua ação.

SP, 21/10/2018.

XXXVI

No tempo dos bandeirantes
Os rios eram caminhos,
Andando em terras distantes,
Entre florestas e espinhos.

SP, 21/10/2018.

XXXVII

No tempo de Harum Rachid
Os mouros eram candentes,
Mas um dia o grande Cid
Tornou os seus mais valentes.

SP, 21/10/2018.

XXXVIII

No tempo dos portugueses
O mundo ficou maior
Girando a terra por vezes,
Com o seu mapa decor.

SP. 21/10/2018.

XXXIX

No tempo dos mil afetos
Todo o mundo quer amor,
Nem sempre caminhos retos,
Seguem quem tem este ardor.

SP, 21/10/2018.

XL

No tempo dos parlamentos
Teve o povo a sua voz,
Mas nem sempre estes momentos
Deram alegria após.

SP. 21/10/2018.

XLI

No tempo das muitas lendas
Só uma me traz a vida,
Pois desconhece contendas,
Por seres de mim querida.

SP, 21/10/2018.

XLII

No tempo das dinastias,
A raça negra imperava,
O sol torrava nos dias,
E a fria noite era escrava.

SP, 23/10/2018.

XLIII

No tempo da pele escura,
Imperatrizes formosas
Mostravam sua brandura,
Sendo dos reis as esposas.

SP, 23/10/2018.

XLIV

No tempo do barco à vela,
O tempo jamais passava,
A marujada na tela
Tinha sua vida escrava.

SP. 23/10/2018.

XLV

No tempo das aquarelas,
A variedade das cores,
Azuis, verdes e amarelas,
Geravam sonhos e amores.

SP, 23/10/2018.

XLVI

No tempo da lua cheia,
Os versos brotam perfeitos
E o céu brilhante recheia
Até os sonhos desfeitos.

SP. 23/10/2018.

XLVII

No tempo de uma só lua,
E das estrelas no céu
A verdade faz-se crua,
Sem ter diáfano véu.

SP, 23/10/2018.

XLVIII

No tempo dos mil desertos
E ginetes pela areia,
Os caminhos bem incertos
Brilhavam à lua cheia.

SP, 23/10/2018.

XLIX

No tempo dos cantadores,
Os versos geravam sonhos
E a alegria dos amores
Bania seres tristonhos.

SP, 24/10/2018.

L

No tempo dos cantadores,
Os cantores cantam luas,
Cantam estrelas e dores,
Andando, sós, pelas ruas.

SP, 24/10/2018.

LI

No tempo dos cantadores,
As donzelas nas sacadas
Sonhavam sonhos de amores,
Vendo jovens nas calçadas.

23/10/2018.

LII

No tempo dos cantadores,
Pelas noites de luar,
Os versos, bouquet de flores,
Cantavam ondas do mar.

23/10/2018.

LIII

No tempo dos cantadores,
A lua sempre embarcava
Nas naves de suas cores,
Com grilhões na lira escrava.

SP, 23/10/2018.

LIV

No tempo dos cantadores
Havia rios e mares
Em que os sonhos multicores
Formatavam seus altares.

SP. 24/10/2018.

LV

No tempo dos cantadores,
Muitas vezes seresteiros,
Na saga de lutadores,
Os tornava cavaleiros.

SP, 24/10/2018.

LVI

No tempo dos cantadores,
Todo o poeta faz versos,
Pois nasceram sonhadores,
Gerando seus universos.

SP, 24/10/2018.

LVII

No tempo dos cantadores,
Eu nasci mau cantador,
Mas cantei os meus amores
Do nascer ao sol a por.

SP, 24/10/2018.

LVIII

No tempo dos cantadores
Cem quadras de amor compus,
Sem valor, mas com valores,
Ruth sendo a minha luz.

SP, 24/10/2018.

LIX

No tempo só de memória,
Ruth fica de meu lado
E, ao meu lado, faz história
Sendo presente, o passado.

LX

E no tempo da paixão
É de Ruth meu espaço,
Conquistou meu coração
E me segue passo a passo.

QUADRAS
FORA DO TEMPO

I

PARA O DIA DA SAUDADE

Ah! Que saudades que tenho
De um tempo sem ter saudades,
Na vida com pouco empenho,
Vendo o mundo sem maldades.

SP, 30/01/2018.

II

PELO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Para Ruth

Meu amor intemporal,
Faz-me de ti seu amante,
Tem força de temporal
E nunca fica distante.

SP, 08/03/2018.

III

De tanto cantar meu canto
Já não sei quando o repito,
Apesar do desencanto,
Contra o mal eu sempre grito.

SP, 19/05/2018.

IV

Para Ruth

Sempre volto ao mesmo tema,
Quando moço e mais idoso,
Minha amada, em meu poema,
Faz o mundo esplendoroso.

SP, 26/05/2018.

V

Não dar importância à vida,
Nem com glória se importar,
Ser honesto pela lida,
A ataques pouco ligar.

SP, 02/06/2018.

VI

Quando entardece no inverno,
O vento frio aborrece,
Com “pull-over” e com terno,
Na Igreja faz-se uma prece.

SP, 02/06/83

VII

Escrever é uma moléstia
Incurável, sem remédio,
Mesmo o escrito com modéstia
Ao autor não causa tédio.

SP, 02/06/82.

VIII

Mais uma quadra refaço,
Neste final de descanso,
Escrevo no branco espaço
Do papel que a tinta lanço.

SP, 16/06/2018.

IX

Meu querido neto André
Reclama na minha sala
Da vitrola, mas de pé
Vai embora e pega a mala.

SP, 17/06/2018.

X

Para Ruth

No jardim cheio de estrelas
Vi teu retrato na lua
E quando pude retê-las
Eu retive a imagem tua.

SP, 22/06/2018.

XI

Para Ruth

Cansado de estar cansado,
Cansei-me de me cansar,
Cansaço se põe de lado
Pois não me canso de amar.

SP, 23/06/2018.

XII

Sinto saudades do tempo
Em que lutava com raça,
Passa a vida como o vento
Mas teu encanto não passa.

XIII

Sou bem velho, mas sou moço
Num coração que se vê,
O meu amor tem endosso
Transferido pra você.

SP, 01/07/2018.

XIV

A noite cai bem serena
À distância vejo luz,
E mais distante uma antena
Que bem parece uma cruz.

02/07/2018.

XV

É um cachimbo, um cachimbo
Magrite pôs em pintura
A frase tem seu carimbo
Com alguma formosura.

Jaguariúna, 02/07/2018.

XVI

Para Ruth

Depois da sauna um bom banho
E um notável bem estar,
Sem trabalho, fico estranho
Mas não paro de te amar.

XVII

Deslizo pelos oitenta
Com desconforto por vezes,
Nesta idade não se inventa,
Os anos parecem meses.

Jaguaríuna, 03/07/2018.

XVIII

Para Ruth

Meu tempo faz-se presente,
Só por ti querida amada,
Mesmo quando estás ausente
Pois tua image' é guardada.

Jaguariúna, 04/07/2018.

XIX

Fim do dia ensolarado,
Nem parece ser inverno,
Tenho Ruth de meu lado
E tudo se faz eterno.

XX

Eu não sei mais versejar
Repito temas e versos,
Mas a Ruth eu sei amar
Nosso amor vale universos.

Jaguariúna, 06/07/2018.

XXI
PISCINA

O sol bate na piscina,
Mas a piscina está fria,
Vou a sauna bem na esquina
De minha casa vazia.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XXII

RUTH

Muito papel sobre a mesa
Muito escrevo e pouco digo
Sou feliz com alma presa,
Por estar sempre contigo.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XXIII

RUTH

O panorama que vejo,
Neste meu pobre recanto
É belo como teu beijo,
Pois descobre teu encanto.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XXIV

Para Ruth

Estou de roupa vermelha
Nas férias, uso um abrigo,
Por cima, eu enxergo a telha
E, ao lado, eu estou contigo.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XXV

Na mesa branca da sala.
Eu escrevo sem parar
Escritos não tem escala,
Nem fronteiras como o mar.

Jaguariúna, 10/07/2018.

XXVI

Neste livreto eu bem ponho,
Meu amor de tantos anos
Ruth pra mim é meu sonho,
Numa vida sem enganoso.

Jaguariúna, 10/07/2018.

XXVII

Dois cadernos quero dar,
Para Ruth nos sessenta,
Para assim comemorar
Nossa data sem tormenta.

Jaguariúna, 10/07/2018.

XXVIII

Quanto mais me vejo fraco,
Mais em Deus eu acredito,
Pois N'Ele a soberba aplaco
E faço o mal ser proscrito.

Jaguariúna, 10/07/2018.

XXIX

A noite chega bem perto,
Desaparecem as luzes,
O céu é um negro deserto
Onde se escondem as cruces.

Jaguariúna, 09/07/2018.

XXX

Minha rua de eu menino
Tinha, muitas vezes, bonde,
Nela via meu destino
Que não sei onde se esconde.

Jaguaríuna, 09/02/2018.

XXXI

Oh querida Ana Regina,
Psicanalista de escol,
O teu olhar de menina
É brilhante como o sol.

SP, 19/07/2018.

XXXII

Vivemos dias estranhos
Crápulas em profusão
Têm nos roubos muitos ganhos
Mas à custa da nação.

SP, 22/07/2018.

XXXIII

Os meus sonhos de menino
Não os perco no Brasil,
Os bons farão seu destino
De afastar o poder vil.

SP, 22/07/2018.

XXXIV

Eu sempre as quadras bem faço,
Mal escritas de improviso,
Penetro assim meu espaço
Em busca de teu sorriso.

11/08/2018.

XXXV

Quanto mais escrevo assim
Tanto mais assim me sinto,
Quero ter perto de mim
O teu olhar tão distinto.

SP, 11/08/2018.

XXXVI

Que frio faz este inverno,
Que saudades do calor!
Não é, felizmente, eterno,
Mas tem do cinzento a cor.

SP, 09/09/2018.

XXXVII

Peço a sua intercessão
Minha Mãe formosa e linda,
É de ti meu coração,
Pelo tempo mais ainda.

SP, 09/09/2018.

XXXVIII

Os astronautas no espaço
Encontram astros no escuro,
Os versos são nosso passo
Com claridão no futuro.

SP, 13/09/2018.

XXXIX

Para Ruth

Há tanto tempo teus olhos,
Eu os amo intensamente,
Pois são os dois, dois escolhidos,
Onde encalho docemente.

SP, 13/09/2018.

XL

Tantos anos pela vida,
Dão me valor que não tenho,
Hoje perto da partida
Só os valores mantenho.

SP, 27/10/2018.

XLI

Vejo a luta desigual
Na passagem da existência,
Do qu'ê bom contra o qu'ê mal
Num mundo quase em falência.

SP, 27/10/2018.

XLII

Para Ruth

Quanto mais eu envelheço,
Mais romântico eu me torno
Por ti, querida, este apreço
Sempre foi o meu adorno.

SP, 28/10/2018.

XLIII

De longe o número vinte
É o mais belo dos concertos.
Eu sou dele, pois, ouvinte
Neste Mozart dos acertos.

SP, 27/10/2018.

XLIV

Eram luzes amarelas
Que estavam em minha rua,
Eu as via das janelas,
Ao procurar ver a lua.

SP, 28/10/2018.

XLV

Eu, quando menino, a lua,
Procurava vê-la cheia,
Construía em minha rua
Os meus castelos de areia.

SP, 28/10/2018.

XLVI

Embarquei hoje na lua,
Minha nave espacial,
Os meus sonhos pela rua,
São a minha catedral.

SP, 28/10/2018.

XLVIII

Todo o mundo, toda a vida
Não vale o verso que faço,
Embora fraco, querida,
Constitui o meu espaço.

SP, 28/10/2018.

XLVIII

Minhas ruas paralelas
Os meus sonhos pela lua,
Quantas saudades nas telas
De meu passado na rua!!!

SP, 28/10/2018.

XLIX

Minha vida, meu destino,
Saudades daquele tempo,
Quando eu andava, menino,
Correndo, meu rosto ao vento.

SP, 28/10/2018.

L

Apesar da primavera
Eu sinto frio de inverno,
Que do corpo se apodera
E frente ao qual me prosterno.

SP, 28/10/2018.

LI

O tempo passa veloz,
E na idade corre mais,
Às vezes se ouve a voz
Da eternidade em umbral.

SP, 28/10/2018.

LII

Pelas ruas paralelas
De meus tempos de menino,
Via luzes amarelas
A mostrarem meu destino.

SP, 28/10/2018.

LIII

Pelos astros de meus sonhos,
Quando versos eu fazia
Afastava tons tristonhos
E neles punha alegria.

SP, 28/10/2018.

LIV

Mais um caderno eu termino
Com quadras feitas a esmo,
Lembrando sempre o menino,
Que buscava por si mesmo.

SP, 28/10/2018.

LV

Mesmo velho, sou menino,
Correndo pelos quintais,
Buscando por meu destino
Atrás de muitos varais.

SP, 28/10/2018.

LVI

Assim o velho menino
Forjou seu próprio caminho
E Ruth por seu destino
Jamais o deixou sozinho.

SP, 28/10/2018.

LVII

Caravelas, Caravelas
São sombras sempre ao meu lado,
Suas cruzes amarelas
Refletem o meu passado.

LVIII

Ao ver luzes amarelas
Volto sempre ao meu passado
Quando em ruas paralelas,
Eu andava mal calçado.

LIX

Sombras formam quando as velas
Tremem, se batendo ao vento,
Lembram vidas paralelas,
Desfeitas num só momento.

LX

Naveguei a vida inteira,
Pelos sonhos de meu mar,
As ondas em sua esteira
Banhavam o meu sonhar.





POEMAS ALÉM DO TEMPO,
de IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,
com editoração de GIORDANUS
para o selo PAX & SPES,
publicou-se em janeiro de 2019.
São Paulo.

SONETO DA SENILIDADE

Quando digo que estou já bem senil,
Critacam-me dizendo de meu erro,
Pois falo, pois escrevo em tom viril,
Nas palavras o mal pondo em desterro.

O certo, todavia, é que a cabeça
Não envelhece, mas o corpo sim,
Embora ser senil não me aborreça,
As flores já são raras no jardim.

O coração, porém, sempre combate
O que de podre existe no país
E, se não há do bem qualquer resgate,
Nem por isto abandono a diretriz.

Como árvores que morrem sempre em pé,
Irei até o fim com minha fé.



Pax & Spes